RibMoT found or type unknown

Segunda-Feira, 27 de Outubro de 2025

O badalar do relógio da praça

O relógio da praça de Cuiabá erguia-se entre as torres da Catedral Metropolitana, em plena Praça da República.

- Seu compasso sonoro alcançava todo o Centro Histórico da cidadezinha em que nasci.
- Na rua de Baixo, onde vivi até os meus dez anos, ouvia-se com clareza o marcar das horas.
- O badalar lembrava compromissos, encontros e despedidas.
- Com a demolição da Catedral, em 1968, a população se uniu para custear a compra de um novo relógio.
- Desde então, adquiri o hábito de, ao passar pela Praça da República, erguer os olhos para ele.
- Quando, por algum defeito, silenciava, a frustração era coletiva: perdíamos um de nossos referenciais mais fiéis.
- O badalar do relógio da praça, compunha a paisagem sonora do Brasil colonial.
- Toda cidadezinha possuía o seu.
- No Brasil de antigamente era sempre assim: praças, relógios, igrejas com torres e sinos.
- Ao redor deles, crescia a população.
- O progresso, porém, expulsou os moradores das praças.
- Hoje, quem ali permanece são personagens solitários: o velho que lê um jornal esquecido, o taxista que descansa, a senhora que passeia com o cachorrinho, o chapéu de pano abandonado no banco.
- E tudo isso sem o som do relógio para marcar as horas e lembrar compromissos.
- Na juventude, da pensão onde morava no Rio, ouvia o relógio do Largo do Machado.
- Mais tarde, senti falta de um relógio com quatro faces na Praça em frente ao Restaurante Universitário, da Cidade Universitária de Cuiabá, no Coxipó da Ponte.
- Com mais de meio século de existência, quantas histórias teria ele a nos contar? Quantas memórias adormecidas despertaria?
- Ali, onde jovens, professores e alunos se encontravam, quantos compromissos nasceram à sua sombra e quantos terminaram em casamento!
- Hoje vivemos sem a poesia dos sons do relógio da praça.

Gabriel Novis Neves é médico, ex-reitor da UFMT e ex-secretário de Estado